

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Uberlândia Esporte Clube - 1963



**Em pé: Wilson, Dunga, Oyama, Serafim, Carlinhos e Dimas
Agachados: Sabará, Waldemar, CID, Fazendeiro e Maécio**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA - COPS
CAMPUS SANTA MÓVICA - Bloco I Q. (Antigo Mineiro)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.
38400-902 - UBERLÂNDIA - MG - BRASIL

1487

59
1963

WAGNER SATEL ARAÚJO

***Os MEMORÁVEIS ANOS DO
FUTEBOL PROFISSIONAL DO
UBERLÂNDIA ESPORTE CLUBE***

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA CONHS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.
38400-902 UBERLÂNDIA - M.G. - BRASIL

FEVEREIRO/1998

WAGNER SATEL ARAÚJO

OS MEMORÁVEIS ANOS DO FUTEBOL PROFISSIONAL DO UBERLÂNDIA ESPORTE CLUBE

Monografia apresentada como exigência para conclusão do Curso de Bacharelado em História, à Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da Prof^ª. Dr.^ª. Jane de Fátima Silva Rodrigues

FEVEREIRO/1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA - COHS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL


BANCA



Prof^a. Dr.^a. Jane de Fátima Silva Rodrigues



Prof. Ms. Alberto Martins Costa



Prof. Ms. Leandro José Nunes

*Dedico este trabalho a Iuri, meu filho
que nascerá em junho 98 e já
modificou minha forma de encarar o
mundo.*

Agradecimentos

Eu, gostaria de agradecer a minha orientadora, prof. Dr.^a Jane Fátima Silva Rodrigues, o seu empenho e paciência em tornar esta pesquisa possível..

Gostaria também de agradecer a todas as pessoas, que comigo de alguma forma compartilharam com o desenvolvimento deste trabalho. Cito em especial, o Sr. Welfare Vieira, possuidor de um arquivo esportivo invejável, que foi fundamental na execução desta monografia.

Meus agradecimentos: à diretoria do Uberlândia Esporte Clube, em especial, Maria Aparecida Souza (Cida), que há todo momento facilitou o meu trabalho. E também ao Sr. Alceu Piccinini, presidente do Grupo Nevada, por colaborar financeiramente na confecção desta pesquisa.

À todos meus familiares, que acreditaram no meu objetivo, em especial, à minha esposa Vanessa, que sempre nos momentos mais difíceis, me incentivou.

À todos os(as) professores(as) do curso de História que, durante a minha vida acadêmica, souberam passar o seu conhecimento e, em especial, ao professor Newton Dângelo.

Aos meus amigos, que juntos passamos momentos de dificuldades, contestações, reivindicações, mas conseguimos através dos anos, juntos, formar um elo de amizade. Em especial, a Turma da Atlético, Patrick, Marquinho, Adelino, Aniceto, Luís Rogério (Dudu) e também aos vários amigos das famosas viagem e corredores, do curso que são eles: Gibysson, Eduardo, Luziano, Lúcio.

Peço desculpas por esquecer alguns, mas um abraço a todos que compartilharam da minha vida acadêmica.

Índice

<i>INTRODUÇÃO</i>	07
CAPÍTULO I	
<i>A Introdução do Futebol no Brasil</i>	09
CAPÍTULO II	
<i>Futebol, Ideologia e Cidadania no Brasil</i>	26
CAPÍTULO III	
<i>A Época de Ouro do Uberlândia Esporte Clube</i>	39
Considerações Finais	49
ANEXO	53
<i>BIBLIOGRAFIA</i>	54

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU		
Alc		
Data	/	/

INTRODUÇÃO

O objetivo central desta monografia é, apontar os momentos áureos do futebol profissional do Uberlândia Esporte Clube, presentes nas décadas de 60 e 70.

A opção em trabalhar o futebol a nível local se dá, pelo fato de toda a minha vida estar ligado a este esporte. Criado no meio, praticando sempre a modalidade, aprendi a gostar e tornei-me um adepto.

Aproveito uma exigência do Curso de História, a realização de um trabalho de monografia, no qual podemos resgatar um aspecto da História Local, achei conveniente pesquisar um assunto que gosto.

Neste contexto, a minha pesquisa refere-se a História do Uberlândia Esporte Clube, percorrendo desde sua fundação até a atualidade, mas como ênfase especial, às décadas de 60 e 70. Estas destacaram o futebol como um instrumento de maior presença na vida do brasileiro, e, em Uberlândia também foi assim. Este período marcou o futebol regional, impulsionado pelas conquistas, rivalidades e a satisfação que tinham os torcedores de participarem deste evento esportivo.

Juntamente num período em que a cidade desenvolvia rapidamente, o time do Uberlândia Esporte Clube, se fez como uma sensação e é exatamente seguindo esta dimensão que procuro desenvolver esta pesquisa, mostrando a importância da cidade, do futebol, e de sua época de ouro, que permanecerá para sempre nas memórias dos torcedores e nos anais do time.

Esta monografia, portanto, não empreenderá a análise por completo da história do futebol do Uberlândia Esporte Clube. Seu foco estará sobre os momentos mais gloriosos do nosso futebol, tempo em que o torcedor tinha mais interesse de assistir uma partida composta por clubes regionais, do que prestigiar um clube de projeção nacional.

Realizei, uma revisão bibliográfica sobre a importância do futebol na sociedade brasileira, através dos enfoques histórico e, sociológico e ideológico, cujas análises apontaram para uma significativa relevância do mesmo, como capaz de transformar uma parcela da sociedade em participantes da cidadania. A pesquisa empírica foi realizada com os documentos oficiais do clube, entrevistas, jornais e revistas.

Assim sendo apresento no Capítulo I "A introdução do futebol no Brasil", uma breve introdução do futebol no Brasil e na cidade de Uberlândia. No Capítulo II "Futebol, Ideologia e Cidadania no Brasil", explico como o futebol se incorporou ao brasileiro, tornando um meio de sustento. No Capítulo III "A época de ouro do Uberlândia Esporte Clube", os inesquecíveis momentos que ficaram marcados na história do clube, com vitórias memoráveis e torcedores féis. E concluindo, nas considerações finais aponto a minha posição sobre este período.

CAPÍTULO I

A INTRODUÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL

Segundo algumas enciclopédias consultadas, a prática do jogo da bola remonta às antigas civilizações. A China e o Egito jogaram bola em 2500 A.C. sendo que os egípcios chutavam até caveiras. Os ingleses sobretudo, praticavam intensamente o jogo da bola, que foi julgado nocivo e até interdito pelas autoridades, porque os praticantes chegavam usar violência nos jogos. E no Brasil, propriamente em São Paulo (1746), foi proibido o jogo da bola em praça pública por causar desordem e roubos pelos praticantes.¹ O "futebol" do passado inscreveu seu último capítulo na Inglaterra, entre os séculos XVIII e XIX (até 1863), sendo que os ingleses o vinham praticando sob diversas formas nas escolas, cada qual com seu próprio regulamento. Daí, originou-se a separação de várias escolas surgindo o "*FOOTBALL² ASSOCIATION*", que surgiu 26/10/1863, na *FREMASONS TAVERN*, de Londres.

¹ O historiador paulista, Afonso A. de Freitas, oferece em sua obra sobre São Paulo antiga, a seguinte documentação: Em edital de 16 de abril de 1746, a câmara de São Paulo manda que nenhuma pessoa passe pela rua da Boa Vista, onde se achavam os bichiguentos ... "não jogarão nem assistirão ao jogo da bola, que se acham na dita rua e campo". Registro da Câmara Municipal de São Paulo, vol.21, p. 497, consta em vereança de 6 de maio de 1815. ". *Enciclopédia Mirador Universal*. São Paulo, 1994.

² O uso de dois (oo) na palavra *football* é quando refere-se ao Esporte Bretão, com regras e praticantes de características nobres. Já quando vem a palavra com "u" *futebol*, refere-se à prática deste esporte com características brasileiras, deixando a forma nobre de lado.

O Football Association foi trazido da Inglaterra por Charles Miller, brasileiro nascido a 24/10/1874, em São Paulo. Filho de engenheiro escocês, Miller aos 10 anos de idade foi estudar na Inglaterra, onde se tornou um exímio futebolista amador jogando na equipe do BANISTER COURT SCHOOL de SOUTHAMPTON, tendo jogado também, na seleção do condado onde residia. Em 1894, concluindo seus estudos, Charles Miller, regressou ao Brasil com 20 anos de idade. Ingressou no São Paulo Athletic Club, fundado em maio de 1888 por jovens da colônia inglesa, para a prática do "cricket". Sabendo da não utilização do futebol no clube, Miller foi convencendo e animando a todos. Para se jogar futebol necessitava-se de 22 jogadores divididos em dois times e Miller levou um ano para que os primeiros frutos deste trabalho pioneiro surtisserem efeito: a empolgação dos primeiros jogadores de futebol no Brasil.³

Muitos foram os bate-bola havidos, mas somente a 14/04/1895 foi possível improvisar uma partida (a primeira) na várzea do campo em frente ao gasômetro em São Paulo. Os rapazes do São Paulo Athletic Club (SPAC) eram todos empregados da São Paulo Railway, Companhia de gás e do London Bank. O primeiro jogo deixou gosto. Depois vieram outros e assim o esporte bretão foi crescendo e empolgando a população paulistana.

Com o correr dos anos no pátio do Mackenzie só se chutava. Os estudantes faziam de tudo para divulgar o futebol. Em 1897 veio da Alemanha o jovem HANS NOBILING que jogava em Hamburgo, no clube

³ É bom deixar claro que antes jogava-se bola desordenadamente. No Brasil, a partir de MILLER inicia-se o processo de implantação de regras e qualificação da prática de se jogar.

local. Ele foi um batalhador na divulgação do futebol no Brasil. Começou a reunir rapazes, seus patrícios e brasileiros, para treinarem, até, que formou um quadro. Logo procurou contato com outros jovens do Mackenzie e do S.P.A.Club. Várias partidas foram realizadas e a prática de se jogar pegou. A partir daí o esporte bretão se expandiu por todos os quadrantes do Brasil, predestinado a empolgar multidões.

Vindo da Europa, propriamente da Inglaterra, o futebol trouxe consigo toda uma estrutura ideológica de como praticá-lo. Veio com uma forma inglesa de se jogar, com regras e jogadas denominadas pela língua inglesa. E a tudo isto, nada mais perceptível que os praticantes deste esporte deveriam ser pessoas que estivessem aptos a realizar tal objetivo, sobressaíssem aos demais, ou seja, jovens, intelectuais e brancos foram os primeiros protagonistas do football no Brasil.

Com o rápido crescimento de São Paulo no início do século XX e também da cidade do Rio de Janeiro (capital do Brasil), o presidente Rodrigues Alves (1902-1906) resolveu remodelar toda a cidade do Rio de Janeiro a fim de melhorar seu visual e retirar a desfavorável imagem de cidade suja e promíscua. Destruiu ruelas e desobstruiu favelas que concentravam-se nas mediações do centro e abriu ruas a caminho do oceano. Esta mudança tornou o Rio voltado para o Atlântico e com ares predispostos a práticas esportivas. Porém não bastava somente uma mudança urbana para resolver todo um problema social que existia no Brasil, principalmente nos grandes centros da época. Muito havia a ser feito. A sociedade brasileira no início do século, era no, mínimo caótica.

O que se via era, uma forte contestação de manifestantes reivindicando melhores condições de vida, trabalho, salários e tudo mais que poderiam necessitar. Mas, e o futebol, o que tem a ver com este processo? Antes de ser introduzido por Charles Miller, o futebol, era punido e fortemente discriminada a pessoa que o praticasse no Brasil. Com o surgimento de uma classe alta brasileira, o futebol passou a ser visto com outros olhos. Em 1896, ano que iniciou as primeiras partidas nos arredores dos colégios tradicionais, clubes recreativos e junto às fábricas de grande porte, nas capitais do país, o que se via, era apenas pessoas influentes praticando o esporte. Porém, na contramão da História, os negros que estavam "socados" nas ruas sem ter o que fazer e junto a estes, os brancos pobres, começaram a observar por detrás dos muros dos campos a empolgação de jovens intelectuais correndo atrás de uma bola. Sem poderem participar das partidas de futebol com os jovens "qualificados", os pobres e negros começaram a jogar o futebol em terrenos desocupados. Sem utilizarem de regras inglesas, nem jogarem com estilo elegante, os brasileiros pobres conquistaram o futebol e num processo quase que simultâneo intercalaram o gosto pelo esporte, tanto quanto a classe alta.

Por volta de 1910 o futebol passa a ser incentivado aos pobres e negros do Brasil, por parte principalmente do poder público. Por que isto ocorreu? Como já dissemos, a situação social brasileira era caótica e o grande número de desocupados crescia a todo momento. O governo percebendo que poderia aproveitar da situação incentiva esta parcela já apaixonada pelo esporte, a usufruí-lo como forma de ficarem aquém das

contestações políticas. A prática do futebol que era discriminadora, passou a ser incorporada como uma característica do povo brasileiro. Esta impregnação estendeu-se por todo o país num curto espaço de tempo.

Já nos anos 20, em todos os estados brasileiros, existia inúmeras entidades esportivas que expandiam-se com velocidade, rumo ao interior dos Estados.

Com o pioneirismo do futebol, as primeiras equipes eram formadas apenas por pessoas brancas e de nível sócio econômico satisfatório. Com a expansão do esporte e a infiltração de negros e pobres nas equipes, as entidades se desentenderam e muitos clubes que até então, tinham uma diretoria fechada se dividiram e formaram clubes com características bem populares em vários Estados do Brasil.

O UBERLÂNDIA ESPORTE CLUBE E SUA HISTÓRIA

Em Minas Gerais, o processo da introdução do futebol não foi diferente. O esporte chegou ao Triângulo Mineiro, propriamente no colégio Diocesano, de Uberaba em 1903⁴. O Diocesano era o colégio freqüentado pelas famílias ricas do Triângulo por seguidas décadas.

Avenir Gomes era um desses estudantes e conhecia o futebol das peladas que por lá praticavam. Foi ele quem apareceu em Uberlândia com uma bola velha e foi chutá-la num quadrilátero desocupado que havia num canto do cemitério que existia na atual praça Clarimundo Carneiro, juntando-se a uma molecada e sem nenhuma criatividade. A partir de então, sob o comando dos "melhores" jovens da cidade, times foram formados no intuito de praticarem a modalidade esportiva recém chegada à região.

Na década de vinte, a nossa cidade até, então, Uberabinha, era comandada por dois grupos políticos: o Partido Republicano Municipal (PRM) denominado Cocão e o Partido Republicano Mineiro (PRM) ou Coiós. Cada qual possuía sua própria banda musical que revezavam-se nos acontecimentos de maior influência na cidade e, também, nos jogos de futebol. O acordo de revezamento das suas corporações musicais, era respeitado, até que um dia, em um jogo de muita importância que seria disputado na Associação Esportiva de Uberabinha, e onde, deveria tocar a banda do Partido Coiós, houve um desentendimento entre os líderes do grupo. Por serem os donos do campo e se sentindo no direito de fazer com

⁴ PONTES, Hidelbrando. *História de Uberaba. E a civilização no Brasil Central*. 2 ed., Academia das Letras do Triângulo Mineiro. Uberaba: Rio Grande Artes Gráficas, 1978.

que sua banda tocasse neste dia, o Partido Cocão não se fez de rogado e defendeu sua opinião.

Indignados com tal atitude, todos os elementos do Partido Coiós retiraram-se de campo e liderados por Agenor Bino e Gil Alves dos Santos, rumaram para o alto da vila Operária onde foi escolhido um terreno para a área necessária à construção de um campo de futebol. Com uma bandeira verde e branca foi criado o UBERABINHA SPORT CLUB, em 1922.

“E assim, numa explosão entusiástica e espontânea reuniram-se os integrantes dos Coiós e simpatizantes e dirigiram-se para o local escolhido munidos de machados, foices, enxadas e enxadões e num organizado mutirão começaram a limpar o terreno...”⁵

Devido a esta passagem, o clube foi carinhosamente chamado, por muito tempo, pelos seus adversários de “Arranca Tocos”.

A partir desta dissidência de grupos políticos, inicia-se a História do atual Uberlândia Esporte Clube, este que representa o objeto de estudo desta pesquisa.

Agenor Bino, com auxílio de políticos, pessoas influentes e apaixonadas pelo esporte conseguiu reunir materiais e mão-de-obra para a construção do campo visando a prática futebolística. A partir daí, foi necessário dar ao grupo (Uberabinha S.C.) uma feição social com personalidade jurídica.

Sob forma de apaziguar o descontentamento das facções políticas que se chocaram-se, os diretores do grupo em organização resolveram

⁵ TITO, Teixeira. *Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central: História da criação do Município de Uberlândia*. Uberlândia Gráfica, 1970. 2v. 1L. p.502.

eleger um elemento do partido Cocão para assumir o cargo de 1º presidente do U.S.C; e a preferência se deu pela figura do Sr. Tito Teixeira.⁶

E assim, no dia 1º de novembro de 1922, após ser realizada a primeira reunião do clube (já com estatuto) inicia a História do atual Uberlândia Esporte Clube.

“ATA DA FUNDAÇÃO DO UBERABINHA SPORT CLUB

Ao primeiro dia do mês de novembro de mil novecentos e vinte e dois, em casa da Sr. Carlos de Araújo, à avenida Floriano Peixoto nº 1, reuniu-se um grupo de rapazes que levaram a efeito a fundação de um clube de futebol que denominaram UBERABINHA SPORT CLUB.

Em sessão do mês dia e hora, elegeram por unanimidade de votos, a seguinte diretoria: PRESIDENTE Tito Teixeira Costa; VICE-PRESIDENTE Dr. Ignácio Paes Lemes; ORADORES Drs. Manoel Lacerda e Antônio Santa Cecília; SECRETÁRIOS Antônio Carlos de Araújo e Cairo do Egípto; TESOUREIRO Lauriston Bino; DIREÇÃO ESPORTIVA José Ribeiro, Cícero Alvim e José Camilo Júnior; e PROCURADOR Dario Luis da Costa Filho.

Após a eleição ficou resolvido que se oficializasse imediatamente a todos os interessados, o que havia sido feito convidando-os a tomarem posse, domingo no salão do cinema central,⁷ às onze horas.

Depois de fundado o clube e eleita a sua diretoria, deu-se por terminada a sessão, lavrando-se esta que se vai assinada por todos os sócios presentes, que serão considerados fundadores do mesmo Club. Em tempo: DIRETOR ESPORTIVO Américo Zardo.

Uberlândia 1 de novembro de 1922.”⁸

⁶ Apesar das duas facções terem se chocado, não existia interesse entre ambas destruir ou prejudicar o time local. Daí, após o desentendimento ocorrido, o Partido Cocão doou todos os objetos futebolístico que possuíam, apostando no êxito dos membros Coiós.

⁷ O “Cine Central” de propriedade do Sr. Silvio Savastano, localizava-se na antiga Praça Antônio Carlos, atual Praça Clarimundo Carneiro, fora durante a década de 20 um dos principais pontos de encontro da sociedade uberlandense, suas dependências serviram para realização de vários acontecimentos sociais, tais como: encontros políticos, formaturas, festas estudantis entre outros. Até, poucos dias, havia no local do antigo Cine Central o Cine It, que depois, de um longo período como cine porno, acabou fechando. Sobre os cinemas de Uberlândia, ver PINTO, Luziano Macedo. “Sociabilidade de ‘matinée’: Cinema em Tempos de Modernidade - Uberlândia (1937-1952)”, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia/Curso de História, 1997. 94p. (Monografia de Bacharelado).

⁸ TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e pioneiros do Brasil central: História da criação do município de Uberlândia*. Uberlândia: Uberlândia Gráfica, 1970, p. 502- 503.

Após a fase de organização e com a eleição da 1ª diretoria do clube, no ano seguinte, em 1923. Agenor Bino foi eleito presidente e permaneceu até 1930. Mediante vários motivos, um dos quais referentes a sua grande competência em administrar, no ano, de 1930, Tito Teixeira, foi convidado novamente a dirigir o clube e, assim o fez. Seu objetivo seria então construir arquibancadas para melhor acomodação dos torcedores. Uma das formas que trouxe boas reservas para o clube foi a realização de barraquinhas que eram presididas, cada uma, por uma pessoa responsável e integrante da diretoria. Estas "barraquinhas" eram festividades que contavam com o apoio da população e desta forma não foi muito difícil acumular lucros para o clube.

Sabe-se que muito foi arrecadado e transformado em benefícios, tanto que, antes de entregar o cargo, Tito Teixeira concluiu parte do proposto.

Passada a presidência a outros representantes, estes não levaram a contento a direção do clube, retornando à pedidos pela 4ª vez, Tito Teixeira para ocupar o cargo máximo da diretoria do Uberabinha Sport Club. Sua forma continuou a mesma, buscando fundos (através das conhecidas barraquinhas) para ampliar o espaço físico do campo de futebol. Concluída a obra das arquibancadas um momento de euforia tomou conta de todos. Para glorificar tal conquista é, marcada uma partida de futebol, de caráter amistoso, para inaugurar o grande evento. Para isto, foi escolhido o OPERÁRIO FUTEBOL CLUBE de Araguari-MG.

Tudo acertado entre as equipes, o clube araguarino patrocinado pelo então prefeito Sr. Jeová Santos, dirigiu-se para Uberlândia juntamente com uma torcida de aproximadamente 1000 pessoas. Pelo grande número de presentes e para evitar algum tipo de problema, a direção do Uberabinha resolveu solicitar da Polícia Militar uma proteção mais cautelosa neste evento esportivo. Assim, todo torcedor que adentrasse ao campo era revistado afim de desarmá-lo, se fosse o caso, e preveni-lo para não causar alguma confusão. Este, foi um acontecimento de grande importância na cidade, para a época. Mais de 4000 espectadores foram ao campo assistir a partida e, com toda a euforia da massa, o clima de amistoso passou a hostil.

Pouco tempo após o início da partida, um erro do árbitro foi motivo suficiente para os diretores das duas equipes invadirem o campo e não satisfeitos, trocaram a arbitragem. Ocorrida nova falha, agora, não somente os diretores invadiram, mas também uma multidão de pessoas gerando um conflito jamais visto até então. As pessoas arrancaram as varas de bambu e começaram atacar uma nas outras. Os torcedores vizinhos foram obrigados a deslocarem para a estação ferroviária que ficava ao lado, poucos metros, para não ter um final pior. O resultado da briga culminou na destruição do campo e conseqüentemente na entrega do cargo pelo então presidente, face à situação lamentável oriunda do conflito entre os dois times.

Este fato levou a uma paralisação das atividades esportivas na cidade por um bom tempo. Tivemos dificuldades em localizar documentos sobre este período e de acordo com informações obtidas, praticamente, o

time não se sobressaiu e portanto os registros sobre o mesmo não se fizeram.

No início dos anos 60, os ares em Uberlândia eram outros. A cidade crescia e uma forte tendência à prosperidade pairava no ar. Com isto, no futebol não foi diferente. Numa década em que o esporte já era uma paixão nacional, merecia a cidade ter um time à altura. Em setembro de 1963 foi eleita mais uma diretoria para o U.E.C., que trazia a modernidade estampada nos seus interesses. Devido ao entusiasmo da mesma e o ambiente propício, uma vez que Uberlândia estava em amplo desenvolvimento, nomes importantes da cidade foram convidados a compô-la.

Esta diretoria exprimia bem o clima da época. A cidade em franco desenvolvimento, o número crescente de novos habitantes e junto a isto, o objetivo de melhorar a equipe de futebol da cidade foi à tona. Modernizar o clube, assim como a cidade, era necessário. O velho campo de futebol foi totalmente remodelado. As arquibancadas que outrora eram formadas por tábuas, deu-se lugar a concreto circular e a capacidade de 4000 espectadores passou para 40.000 pessoas.⁹ No espaço externo de estádio foram criadas no alinhamento da Av. Floriano Peixoto 23 lojas comerciais com suas devidas sobrelojas, que trariam fundos, através de aluguéis para

⁹ O número de espectadores que citamos, 40.000 pessoas, foi retirado do livro "Pioneiros e Bandeirantes do Brasil Central: História da criação do município de Uberlândia" (T. Teixeira). Mas na verdade, nos jogos que pesquisamos e colhemos os números de torcedores, em casa cheia, não passava de 10.000 lugares. Acreditamos que caibam, no máximo 15.000 pessoas bem apertadas dentro do Estádio Juca Ribeiro. Porém é importante citar que no último campeonato disputado pelo U.E.C, a série C do Brasileirão, o maior público foi 9.000 pessoas e o estádio estava "abarroto" conforme noticiado pela Rádio Cultura - out/97.

o clube. Para enobrecer o construído, foi mantido o nome do estádio de JUCA RIBEIRO em homenagem a um homem que dedicou toda a sua vida em prol desta equipe de futebol. Ele treinava, orientava e aconselhava os jogadores e colocava carinho no seu trabalho a fim de ver o clube, sempre vencendo e com projeção regional.

A partir da modernização do antigo campo de jogos, o Juca Ribeiro, foi palco de partidas inesquecíveis. Vários clubes do Estado, e de expressão nacional aqui jogaram. Partidas até, internacionais, como a Seleção da Rússia e a Equipe milionária do Kosmos de Nova York, por aqui também passaram.

O Triângulo Mineiro e sua importância regional

O processo histórico de constituição econômica e política triangulina, principia-se no início do século XVII, quando esta região era apenas um ponto de passagem de tropeiros e mineradores em busca de ouro e prata nos sertões goianos.

Entretanto, sua efetiva ocupação somente ocorreu no final do século XVIII, quando a expedição de Bartolomeu Bueno da Silva cruzou as terras entre os rios Grande e Paranaíba, rumo a Goiás.

A descoberta de ouro e diamantes no interior de Goiás e Mato Grosso provocou a formação de alguns arraiais nas terras do chamado Sertão da Farinha Podre, atual Triângulo Mineiro, em decorrência do fluxo de pessoas em direção ao Brasil Central. Assim, desde então, esta região se constituía em um ponto de passagem entre o litoral e sertão.

No entanto, foi somente no período da decadência da mineração em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso é que ocorreu o parcelamento de terras do Triângulo Mineiro¹⁰, a partir da distribuição das primeiras sesmarias, cujos proprietários fundaram as primeiras aldeias às margens dos rios, devido a melhor qualidade do solo.

¹⁰ O parcelamento, à cessão da coroa portuguesa, face a escassez de pedras preciosas nas regiões citadas (MG, MT,GO), que se viu no direito em dividir as terras aos interessados que por ali passavam e instalavam moradias provisórias, dando início ao surgimento de novos povoados no centro do Brasil.

No início do século XIX, novas concessões de terras foram feitas dando origem às aglomerações urbanas das atuais cidades do Prata, Uberaba e Uberlândia.

No período compreendido entre 1827 a 1859, Uberaba se destacara como o principal núcleo urbano da região e em 1889 passou a ser servida pela Companhia Mogiana de Estrada de Ferro, que se estendeu nos últimos anos do século XIX até Uberlândia e Araguari (1895).

A partir deste momento, a região passou a participar da economia nacional de forma considerável. Durante um longo tempo, beneficiadas por serem ponta de linha da Estrada de Ferro Mogiana, Uberaba e Araguari se firmaram como polos em desenvolvimento. Uberaba se destacara como importante centro pecuário e Araguari controladora do fluxo de comercialização no caminho de Goiás-São Paulo.

Os principais fatores a favorecer a inserção do Triângulo Mineiro na economia nacional foram a situação geográfica, a potencialidade de recursos naturais disponíveis, o solo fértil, o clima, a topografia, a hidrografia abundante e a existência de força de trabalho familiar.

Até 1920, as cidades de Frutal, Araxá, Araguari e Uberaba se destacaram como as principais cidades da região. Entretanto, ocorreram mudanças nas relações entre estas cidades, sobretudo, a partir de 1913, quando foram construídas estradas de rodagem pela Companhia Mineira de Autoviação Intermunicipal e a Ponte Afonso Pena, que conjuntamente

interligavam Goiás e Mato Grosso ao Triângulo Mineiro, particularmente à Uberlândia.¹¹

Evidentemente, esses fatores contribuíram para a cidade de Uberlândia desenvolver e conquistar um lugar de destaque no cenário nacional. Podemos afirmar que Uberlândia cresceu e desenvolveu sob o signo das estradas de rodagem.

A comercialização e distribuição de mercadorias, naquele período, era feita a partir dos produtos industrializados provenientes de São Paulo, que chegava à cidade através da Mogiana e daí em diante transportada por caminhões até outras praças:

“A penetração das rodovias acenou com possibilidades mais intensas às energias humanas do rincão. O chofer fez-se sertanista. Afrontou as jornadas em caminhos bons ou maus. A situação geográfica de Uberlândia oferecia vantagens ao intercâmbio do comércio. Os homens do volante começaram no vai e vem das permutas de produção. Recebiam aqui, da via férrea levavam para as longínquas paragens, as cargas preciosas. Fizeram da localidade um vértice da erradiação dos negócios. Atraíram interesses de outras praças goianas e mato-grossenses, permitindo aos comissários facilidade ao seu progresso.”¹²

Portanto, a região do Triângulo Mineiro possui uma formação histórica específica, na qual sua sociedade criou e preservou uma identidade social e econômica, que se encontra materializada em diversas partes de seu território, reforçada por uma intensa prática regionalista.

¹¹ Visto que a região triangulina era muito bem centrada, ou seja, para quem tivesse que ir do centro do país (MT- GO) ao litoral teria que passar pelo Triângulo. Para Uberlândia foi bom, pois a ponte e a rodovia citada estavam sobre a sua direção, proporcionando uma passagem por seus domínios quase que obrigatório.

¹² Jomal O Repórter, 07/11/1942.

Esse regionalismo expressa as relações políticas de grupos que se unem em defesa de interesses comuns que resultam em movimentos reivindicatórios vinculados à sua identidade territorial. É exatamente nesta ótica, que se situa o futebol como uma prática esportiva que interfere no contexto social deixando seqüelas para a sociedade.

Como já foi dito anteriormente, a cidade de Uberlândia, desenvolveu-se e destacou no cenário nacional, após outras cidades da região como Uberaba e Araguari. Com o futebol não foi diferente. Percebe-se que até mesmo no esporte, se as condições econômicas não forem favoráveis, ele não desenvolve. Com o processo de formação da equipe da cidade (início da década de 20), já existia clubes regionais que jogavam e estavam bem melhores preparados que o Uberabinha Sport Club. Por vários anos nas décadas de 30/40 as equipes de Uberaba e Araguari eram favoritas nos confrontos que por aqui existiam. Com isto, vários momentos de "rixas" ou "rivalidades" entre estas equipes estiveram presentes nos espetáculos, que ora encantavam e ora indignavam fãs e torcedores.¹³

Nos anos 40, o Uberlândia Esporte Clube,¹⁴ toma um rápido crescimento. Surgem valores individuais que destacavam-se em cada partida empolgando a torcida. A rapidez desta equipe, que se tornou uma forte competidora a nível dos times regionais impressionou, o que lhe

¹³ As seqüelas que o futebol podem deixar na sociedade são encontradas nos momentos de rivalidades surgidos durante as partidas. Criado um ambiente de guerra os jogadores se vêem na obrigação de vencer a qualquer custo, pois a vitória pode torná-los ídolos para os torcedores e isto para o jogador, é muito confortável. Outro fator que deve ser destacado é que neste período (anos 30/40) a cidade de Uberlândia está se igualando a nível econômico a outras que até, então dominavam a região.

¹⁴ Com a mudança do nome da cidade, em 1929, de São Pedro de Uberabinha, para Uberlândia, os diretores resolveram modificar o nome do time de Uberabinha Sport Club, para Uberlândia Esporte Clube.

conferiu um apelido carinhoso dos torcedores e pessoas ligadas ao meio futebolístico, "Furacão da Mogiana". Furacão por ser um time vitorioso rapidamente e, Mogiana por estar o campo localizado nas proximidades da estação da Mogiana (atual Praça Sérgio Pacheco).

CAPÍTULO II

FUTEBOL, IDEOLOGIA E CIDADANIA NO BRASIL

Desde sua introdução no Brasil em fins do século passado, e a despeito de seu caráter elitista, o futebol não parou de expandir. Enquanto nos clubes, nos colégios e nos primeiros estádios os filhos da aristocracia paramentavam-se todos com uniformes, calçados especiais e manuais ingleses que ensinavam a praticar o novo esporte, aqueles que estavam do outro lado do muro logo passaram a improvisar suas próprias partidas em terrenos baldios ou mesmo na rua, descalços e sem camisas a chutar uma bola, geralmente tão improvisada como a sua própria peleja.

Mas não demorou muito para que os de fora passassem a figurar dentro dos gramados, nos times ligados à indústria (nos quais os jogadores das tardes eram os operários das manhãs) e nas primeiras equipes de caráter popular. Organizados bem longe dos tradicionais clubes esportivos as pessoas de origem modesta passaram a praticar o esporte da elite. De acordo com o sociólogo Maurício Murad:

"na segunda metade dos anos 10 o futebol já estava espalhado pelo Brasil. De norte a sul, praticamente todas as cidades grandes, médias e até, pequenas, encontramos registros de sua presença significativa. A partir dos anos 20,

*essa tendência se aprofunda de forma avassaladora e irresistível."*¹⁵

O resultado desse aprofundamento foi a criação de laços cada vez mais intensos entre os jogadores, as equipes e seus administradores e os torcedores, formando fortes vínculos de identidade locais e regionais a partir dos clubes. A organização de campeonatos entre equipes (o que ocorria desde a virada do século) e, posteriormente, de campeonatos entre seleções estaduais indicava que o diletantismo de inspiração britânica era coisa do passado. O futebol devidamente aportuguesado, mobilizava um número cada vez maior de pessoas, em especial no Rio de Janeiro e em São Paulo, os maiores centros urbanos do país, e a necessidade de vitórias colocou-se como questão de sobrevivência para os clubes - afinal, só equipes competitivas atraíam público e, por conseguinte, geravam renda.

Para a torcida, importava mesmo que seu time mandasse a campo uma turma que soubesse vencer, o que por sua vez implicava não impor barreiras econômicas, sociais ou raciais aos jogadores. O jogo democratizava-se, para desespero da elite branca, que viu clubes levados a pagar bichos (gratificações em dinheiro) como forma de atrair bons jogadores para seus quadros, não importando se fossem pobres ou ricos, negros ou brancos, mulatos ou imigrantes. Tal fato punha em xeque tudo aquilo que até, então se julgava ser o próprio caráter do esporte - o amadorismo - e apresentava a possibilidade de se adotar o profissionalismo

¹⁵ MURAD Maurício. *Dos Pés a Cabeça. Elementos Básicos de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 129-130.

no futebol, a exemplo do que já acontecia em alguns países europeus, como Itália e Espanha, e nos vizinhos, Uruguai e Argentina.

No final da década de 20, os favoráveis a tal proposta defendiam-na como uma forma de regularizar uma situação que, na prática, efetivamente existia, uma vez que boa parte dos atletas não era mais totalmente amadora, configurando uma situação chamada pelos jornais da época de "falso amadorismo" ou "profissionalismo marrom". Por outro lado, o coro dos comentários replicava com o temor de que o salário acabaria com o "romantismo" dos amadores, subvertendo o "ideal olímpico". Na verdade, a defesa do amadorismo era também a defesa de uma posição de classe, já que mantê-lo significaria manter o povo à distância daquilo que, segundo a elite, não lhe pertencia.

A situação do momento refletia um estado confuso entre as partes. Os jogadores lutavam por direitos, como se fossem profissionais, mas faziam questão de enfatizar seus "brios amadores". Embora o movimento não tenha conquistado êxito, seu comunicado demonstra que os atletas percebiam muito bem a situação contraditória que viviam e que não concordavam com ela. Muitos dirigentes cariocas e paulistas também não, e acabaram aceitando e oficializando o profissionalismo em suas respectivas entidades, a Liga Carioca de Futebol (LCF) e a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), em 1933.¹⁶

¹⁶ Sobre o processo de oficialização do profissionalismo no futebol brasileiro ver: CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé, Inicial Memórias do Futebol Brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: IBRASA, 1990, Especialmente p. 203 a 223.

Ainda que esse acordo não tenha significado a imediata solução das questões que então envolviam o futebol no Brasil, do ponto de vista dos jogadores (dos bons, pelo menos), agora as pendências entre "amadoristas" e "profissionais" não tinham mais tanta importância, pois tornava-se legítima sua procura por aqueles clubes que lhes pagavam para entrar em campo. Reconhecia-se de certa forma que para a maioria deles buscar a profissionalização não se tratava de mera preferência, mas sim de necessidade: o futebol permitia a sobrevivência imediata e, quem sabe, a realização do sonho da ascensão social. Mesmo que esse sonho se transformasse em desilusão, realizá-lo era algo tentador para quem não tinha nada a perder.

Abria-se assim uma nova perspectiva para setores historicamente marginalizados da sociedade brasileira, perspectiva essa potencializada pelos meios de comunicação a começar pela imprensa: o número de publicações dedicadas ao esporte alcança um crescimento estrondoso, saltando de cinco, em 1912, para 58, em 1930. Um bom exemplo de toda essa atenção foi dada pelo jornal paulistano, A GAZETA, que lança em 1928 sua "edição esportiva" semanal, que pouco a pouco acabou por englobar a sua própria origem.¹⁷

Nos anos 30 o futebol ganharia para sua divulgação um aliado ainda mais importante que a imprensa: o rádio. Introduzido no Brasil em 1922, é na década seguinte que ele vive o momento de sua expansão e consolidação como meio não apenas de comunicação, mas também de

¹⁷ A Gazeta não existe mais, mas a Gazeta Esportiva mantém-se firme até hoje.

entretenimento. Ao invés de acompanharem o tom solene e formal imperante na radiodifusão da época, seus locutores aproximaram-se da linguagem cotidiana, transformando-se num moderno meio de comunicação de massas.

Como os estádios tornavam-se pequenos para comportar toda a popularidade alcançada pelo futebol, não demoraria para que partidas inteiras, e não apenas resultados e informações, fossem transmitidas regularmente. Através das ondas de rádio, a bola alcançava não apenas a audiência local, das cidades onde se localizavam os jogos, mas também o público cada vez mais amplo, de regiões afastadas do eixo Rio-São Paulo, o centro futebolístico e radiofônico do país. Os torcedores passaram a fazer dos meios de comunicação uma companhia essencial, que além de levar o jogo até eles ainda o recriava, através dos relatos, comentários e discussões posteriores a respeito do que se passou em campo. Já no início da década de 30, futebol, jornal e rádio pareciam indissociáveis, como mostra uma nota publicada na Gazeta - Edição Esportiva de 08 de maio de 1932 sob o título "Lembrando para ser Irrradiado o Jogo de Hoje":

"Recemos uma missiva assignada por diversos esportistas lembrando o São Paulo e Palestra de permitirem a irradiação do prelio de hoje na Floresta devido ao falta de nem todos poderem assistir ao encontro dado a lotação insufficiente da Floresta para compontar o grande público que se diferessa pela pugna.

Milhares e milhares de esportistas de facto não se aventurarão a ir ao campo certos de que não encontrarão lugares. Irradiando a lucta um grande serviço seria prestado

*assim aos afeiçoados que não assistirão à lucta sem prejuízo algum para os grêmios disputantes.”*¹⁸

Além da imprensa e do rádio, também o cinema, embora numa escala bem menor que os dois acima citados, não ficaria imune ao "esporte bretão" que, note-se, aparecia com relativa freqüência nos cinejornais e documentários de atualidades desde a década de 10. A medida que as produtoras cinematográficas brasileiras descobrem que o caminho para fazer frente aos filmes estrangeiros era investir no gosto do grande público, a fórmula da comédia popular carnavalesca (a chanchada) torna-se seu grande filão, ainda se orientando por essa bússola, o futebol também transforma-se em tema da ficção... cinematográfica, pano de fundo de filmes como *O CAMPEÃO DE FUTEBOL*, de 1931 (onde se tem a participação do maior ídolo de futebol da época: Arthur Friedenreich), e *FUTEBOL E FAMÍLIA* de 1938.¹⁹

Todo esse quadro demonstra que o futebol transcendera os limites dos estádios e tornara-se um fenômeno social que não se limitava aos aspectos emocionais e simbólicos, conferindo um princípio de cidadania a uma significativa parcela da população brasileira. Ao fim de um longo processo de conquistas no qual o principal papel foi desempenhado pelas classes populares, a profissionalização veio reconhecer, ao menos no universo futebolístico, a igualdade entre o povo da elite (muito embora os preconceitos - principalmente o racial - não tenham desaparecidos), além de

¹⁸ *"Lembrando para ser irradiado o jogo de hoje". A Gazeta - Edição Esportiva. São Paulo, 08 de maio de 1932, p.7.*

¹⁹ WOLF, José,. "Cinema e Futebol: uma história em dois campos". In: *Cinema Brasileiro: 8 estudos*. Rio de Janeiro: MEC/Embrafilme/Funarte, 1980, p.209-212.

incorporar o esporte ao ideário do trabalhismo do pós 30, embora a profissão não fosse oficialmente reconhecida, - o que só veio a ocorrer em 1976. O atleta, na prática, transformara-se em trabalhador. E isto significava muito dentro da ordem autoritária e corporativista do período, sob a qual era a categoria "trabalho" e sua legislação que pretendiam definir o cidadão e a cidadania.

Para os que simplesmente torciam, ou seja, a população de modo geral, apegavam-se ao rádio como instrumento primordial e decisivo para as notícias futebolísticas. Se praticamente todo o país já conhecia as emoções proporcionadas pelo futebol, a partir desta época, conheceria também seus primeiros ídolos populares nacionais, que mobilizaram e integraram o "litoral" e o "sertão" como DOMINGOS DA GUIA, HÉRCULES DE MIRANDA E LEONIDAS DA SILVA. As diferenciações sociais tão explícitas em outros níveis, vão se minimizar sob o efeito aglutinador do futebol, abrindo espaço para a formação de um sentimento comum de pertencimento à sociedade brasileira, o que foi de encontro ao processo de reelaboração de elementos de apelo popular promovido pelo governo de Getúlio Vargas com vistas à unificação cultural do país, estabelecendo uma homogeneidade em meio à diversidade.

O país estava de chuteiras e a pátria também logo as calçaria graças à copa do mundo, competição promovida pela FIFA a cada 4 anos e que começou a ser disputada em 1930. Nas duas primeiras edições do torneio, realizadas no Uruguai e na Itália, respectivamente, a participação brasileira foi prejudicada. Na primeira, por conflitos de poder entre

dirigentes do Rio e São Paulo, e na segunda, pelas brigas entre "amadoristas" e "profissionalistas".

Portanto, o que se vê neste período, (anos 30), é o futebol crescer, sob suas próprias pernas. Com todo o aparato inglês soube deixar penetrar a cultura brasileira e ter como figurante uma parcela da população (grande maioria), que jamais teve oportunidade de participar de qualquer outro produto que a classe dominante nela tivesse acesso. Assim com toda certeza, o futebol a partir da inclusão dos brasileiros pobres e pretos começou a ter interesse por parte da torcida e dos profissionais que no esporte, de forma geral trabalha e o surgimento dos primeiros "heróis nacionais", estes vindos da marginalidade. O povo começava a participar da História do Brasil como sujeito.

FUTEBOL BRASILEIRO: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA

O esporte, é um fenômeno social que une a vida do homem moderno. Dentre os esportes, o futebol, é o mais popular no mundo. Apesar do Brasil não estar sozinho na paixão pelo futebol, a intensidade das comemorações dos torcedores e o entusiasmo que permeia o domínio deste esporte no Brasil são conhecidos em todo o mundo. Por isso, e por suas conquistas em copas do mundo, o Brasil tornou-se conhecido como o "país do futebol".

Este esporte pode ser visto como um poderoso instrumento de integração social. Através dele, a sociedade brasileira experimenta um sentido singular de totalidade e unidade, revestindo-se de uma universalidade capaz de mobilizar e gerar paixões em milhões de pessoas.

É, nesse universo que observamos com frequência, indivíduos cuja diversidade estabelecida pelas normas econômicas e sociais da sociedade se transformarem em "iguais" através de um sistema de comunicação que os leva a abraços e conversas informais nos estádios, ruas, praias e escritórios:

*"O futebol, mais do que um esporte no Brasil ocupa espaços imensuráveis na vida de todos, mesmo aqueles que não gostam dele, não estão imunes. O futebol não se restringe a estádios. A bola penetra nos locais mais diversos permanentemente. Nos meios de comunicação, na rua, no bar, em casa, na casa do vizinho, sempre há uma partida de alguma forma. O bate papo não prescinde dos jogadores, dos clubes e dos campeonatos."*²⁰

²⁰ RAMOS, Roberto. *"Futebol: Ideologia do Poder"*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 45.

Porém, apesar de seu prestígio e popularidade, o futebol do ponto de vista histórico é um fenômeno pouco estudado no país. De uma forma geral são recentes os trabalhos escritos pelas Ciências Humanas sobre o papel e o significado do futebol na cultura brasileira.²¹ O que freqüentemente encontramos na literatura sobre o assunto, são biografias de jogadores e trabalhos jornalísticos sobre os bastidores do esporte.

A sociedade brasileira entrou na modernidade possuindo múltiplos e diferenciados códigos, que são representados por domínios fundamentais, mas aparentemente antagônicos: o moderno e o tradicional. No domínio moderno, encontra-se o ideal da igualdade, direitos dos cidadãos, individualismos e leis impessoais e universais, já no domínio tradicional, encontra-se a ética da hierarquia baseada nas relações pessoais, privilégios familiares, conexões sociais e paternalismo. Essa tensão entre relações pessoais e leis impessoais gera um sistema de ideais sociais que tem uma influência decisiva nas relações cotidianas e no significado da maioria dos rituais urbanos brasileiros, incluindo o futebol.

Se a competição da vida que envolve pessoas de todos os segmentos sociais apresenta dificuldades em conseguir o almejado, as competições esportivas colocam as oportunidades na mesa, apresentando-as como justas e democráticas?

²¹ Alguns trabalhos que ilustram a prática futebolística.

BELLO, Nicolino J. *A Ciência do Esporte Aplicada ao Futebol*. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

DUARTE, Orlando. *Futebol Histórico e Regras*. São Paulo: Makron Gold, 1997, 1ª ed.

SOLLER, World. *The nº1 International Football*. Miami: Magazine, 1994.

RESENHA Ilustrada do Campeonato Mineiro de Futebol. Ano 1, nº 1, Publicação Anual - Rio de Janeiro, 1967.

O que importa aqui, é perceber como o esporte, de uma forma geral, o futebol em particular, também é um fenômeno específico da comunicação de massa, podendo ser entendido como um poderoso sistema de comunicação capaz de unir diferenças e proporcionar um espetáculo ritual de grande significado para aqueles que dele participam.

TRADIÇÃO X MODERNIZAÇÃO

Nos anos 60, o futebol brasileiro encontrava-se no seu apogeu. A seleção brasileira conquistara as copas de 58, 62, 70, e o time de Pelé (Santos) venceu consecutivamente a Taça Libertadores da América e Mundial Interclubes em 1962 e 1963. Sem contar, que a final do campeonato carioca de 1963 atraiu 177.020 pagantes no Maracanã (recorde oficial de público em partidas entre clubes), e em novembro de 1969, Pelé marca o seu milésimo gol, solidificando seu lugar como o maior jogador de futebol de todos os tempos.²²

No início dos anos 70 foram construídos vários estádios com capacidade superior à 70.000 pessoas, como por exemplo o Morumbi, em SP, O Rei Pelé, em Maceió, e o Castelão, no Ceará. Cabe também, destacar que a História do futebol em Uberlândia aqui se encaixa. Mediante o espírito futebolístico da época, e juntamente com a mentalidade política do Prefeito Virgílio Galassi e seus aliados foi iniciado a construção do Estádio Parque do Sabiá (atual João Havelange) no ano de 1978 e concluído em 1982. Com capacidade para 70.000 pessoas é um dos mais modernos do país, com um custo de 700 milhões de cruzeiros.

— Nessa época, o país, sob o regime militar, atravessava um período de otimismo econômico que ficou conhecido como "milagre brasileiro". A propaganda oficial, estimulando o ufanismo, falava em "País do Futuro",

²² HELAL, Ronaldo. "Futebol e Cultura de Massas no Brasil." In: *Passes e Impasses*. Petrópolis: Vozes, 1997, p.65.

"Ame-o ou deixe-o" e "Brasil Grande", e o futebol, devido a sua expressiva popularidade, atraía o interesse do governo em tornar eficazes as suas mensagens. Esse fato, somado ao sucesso do futebol brasileiro nos anos 60, encorajou a construção de grandes estádios por todo o país. Porém, o germe da crise que estava para emergir já era aparente na falta de autonomia dos clubes e federações; na política de alianças entre as federações e as pequenas ligas, em um calendário incapaz de acomodar dois campeonatos longos, (o regional e o brasileiro).

O futebol glorioso do Brasil, conhecido e destacado no mundo todo como o melhor e onde localiza os melhores talentos individuais do segmento estava em crise novamente. Mas como entender os estádios lotados até, a década de 70? Por que a população passa a se desinteressar por este esporte? E porque nesta pesquisa, afirmar que o futebol nas décadas de 60 e 70 (propriamente em Uberlândia) ter sido como a época gloriosa do futebol? Desde a implantação do futebol no Brasil, ele atravessa crises, como a do início dos anos 30, e a solução para tal foi a profissionalização dos jogadores. Agora a tendência, é no sentido da profissionalização dos dirigentes, do futebol-empresa, de uma ética única baseada no lucro e na idéia de mercado- daí o surgimento nos anos 80 do marketing no futebol.

CAPÍTULO III

A ÉPOCA DE OURO DO UBERLÂNDIA ESPORTE CLUBE

Como já foi enfatizado em passagens anteriores, a cidade de Uberlândia privilegiada por sua posição geográfica, est sempre em sua história, vencendo obstáculos. Com o futebol não foi muito diferente. Desde a fundação do Uberabinha Sport Club, em 1922, o seu desempenho do futebol e o da torcida, podem ser descritos como uma trajetória de sucesso. Nos registros encontrados em jornais de época e depoimentos de pessoas que viveram o passado, mostram que aqui, nesta cidade, houve um time de futebol com imenso carinho e prestígio pelos torcedores, adversários esportivos e imprensa especializada. Escolhemos as décadas de 60 e 70, como objetivo desta pesquisa, por ter sido esta, a época de ouro do Uberlândia Esporte Clube, até mesmo mais importante do que o ano 1984²³ onde obteve o seu maior título esportivo.

Uberlândia no final da década de 50 e início de 60 despontava no Triângulo Mineiro como uma cidade em ascensão. Houve um grande desenvolvimento, ofuscando e deixando para trás outras cidades da região.

²³ No ano de 1984, o U.E.C. ganhou o título da Taça C.B.F. (o mesmo que a atual 2ª Divisão do Campeonato Brasileiro) enfrentando na final o Clube do Remo (PA).

Este desenvolvimento é também sentido na prática esportiva - o futebol, cresceria com o desenvolver da cidade, que possuía apenas um clube, de caráter profissional, o Uberlândia Esporte Clube, começava a década de 60 em grande euforia. Em setembro de 1963, foi eleita uma diretoria que se não foi a mais empolgante de todas, foi a que certamente de maior contribuição deixou para o clube:

PRESIDENTE Dr. Renato de Freitas

1 VICE PRESIDENTE Álvaro Ribeiro

2 VICE PRESIDENTE José Dias Ferreira

3 VICE PRESIDENTE Carlos Henrique Savastano

1 SECRETARIO Northon Vilela

2 SECRETARIO Haroldo Ferreira dos Santos

TESOUREIRO Emerson Vilela.

DIRETORES Francisco Teles, João Balbino, Dr. Eugênio Pimentel Arantes e Lourival Franqueiro.

Com a presidência do Dr. Renato de Freitas²⁴ e seu vice, Álvaro Ribeiro conseguiram, através de fundos provenientes apenas de bilheterias e contribuições da torcida, construir nos mesmos moldes que hoje se encontra, o estádio Juca Ribeiro - o maior patrimônio do clube:

“... ninguém gastou dinheiro do bolso de ninguém. Não deixei uma dívida sequer. E coloquei o estádio Juca Ribeiro praticamente concluído, sem ajuda do poder público, somente com arrecadações de partidas e doações de torcedores e

²⁴ Renato de Freitas, chegou à presidência do clube em 63, pouco tempo depois conseguiu participar da vida política da cidade, chegando a ser vereador em 1965 e prefeito por duas vezes.

*quando deixei a presidência, o estádio permaneceu como está até hoje, faltando partes para terminá-lo. Eu, sem modéstia, fiz praticamente sozinho.”*²⁵

Memoráveis foram os anos 60 e 70 para o futebol de Uberlândia.

Não se ouvia falar, nos meios futebolístico, a palavra crise. O time possuía uma série de jogadores que souberam honrar a camisa que vestiam, dos quais podemos citar, Neriberto, Fazendeiro, Renato e muitos outros. Jogadores que tinham amor em praticar o futebol:

*“No início de minha carreira, comecei a jogar no Uberlândia Esporte Clube, de forma amadora. Não tinha remuneração e até para comprar chuteira, o dinheiro saía do meu bolso. Daí, comecei a disputar como um jogador de primeira categoria e o clube começou a pagar salários para atuar com atacante do Verdão. Tive propostas para atuar em muitos clubes grandes, inclusive o Galo, mas não queria sair daqui, mesmo ganhando pouco, pois a torcida gostava do meu futebol e eu me sentia bem.”*²⁶

Mas tudo isto, de certa forma, ao ser visto com olhos de hoje, final da década de 90, parece uma utopia.

Assim, como passaram muitos anos, a cidade de Uberlândia que despontava como promessa hoje é uma realidade de progresso. E o futebol mudou junto. Já não existe mais aquela posição de jogadores atuar como “defensor do seu esquadrão” pois, o que ocorre é jogar numa equipe que pague bem e sem atraso para poder almejar crescer na carreira e despontar num clube grande.

²⁵ Entrevista com Sr. Renato de Freitas, 21/10/97.

²⁶ Entrevista com Sr. Edson Gonzaga de Souza, conhecido por Fazendeiro - 18/12/1997.

Quando citamos as décadas de 60 e 70 como auge do futebol em Uberlândia e não se destaca nenhuma conquista que tenha colocado o clube em evidência nacional, o que queremos mostrar é que nesta época não ocorria auxílio financeiro e nem pagava-se valores “milionários” aos jogadores afim de desempenharem um futebol vibrante, como ocorre hoje. Jogavam por amor ao clube, à cidade, à camisa e isto bastava. Prova é, que muitos grandes jogadores foram monstros sagrados nos campos e acabaram na miséria, que foi o caso do Garrincha, um dos melhores jogadores do mundo.

Quando percorremos as ruas da cidade e tomamos depoimentos de torcedores do Verdão, e escutamos que já não se empolgam mais em assistir seus jogos nos estádios, devido, ao empobrecimento do futebol local, aliado ao fraco auxílio das federações de futebol em ajudar o pequeno clube a resolver problemas internos, percebemos que toda a paixão que o futebol proporciona a seus adeptos está centrada apenas nos grandes clubes brasileiros, possuidores de jogares a nível de seleção, colocando em segundo plano os escudeiros de pequeno porte pelo Brasil afora.

Tudo isso comprova que para a cidade de Uberlândia, assistir jogos do Verdão contra times de pouca expressão não interessa a ninguém.

Por que isso ocorre? O uberlandense deixou de prestigiar o futebol local?

Atualmente, existe na cidade de Uberlândia, um campeonato organizado pela Liga Uberlandense de Futebol (L.U.F.) e é considerado um dos melhores campeonato amadores do Brasil. Neste campeonato ocorre

vários jogos semanais por todos os bairros da cidade e é visto em cada jogo um grande número de torcedores fiéis ao seu time, geralmente, defensor de um bairro. Isto prova que o futebol local é ainda privilegiado pelos uberlandenses.

Quanto ao desinteresse pelos jogos do U.E.C. hoje em dia, pode-se culpar todo o processo profissional, que sofreu o futebol. Atualmente, a mídia, principalmente a rede televisiva destacam apenas os clubes de maior expressão, colocando em segundo plano os demais, isto, levou um certo esquecimento dos pequenos clubes, e todo o processo que está centrado o empobrecimento do futebol é visto nestas equipes. Partidas de futebol que não sejam realizadas por times grandes e não são acompanhadas na televisão é não gera lucro a quem paga para promovê-las (as redes de TV).

Percebe-se aqui, que o futebol mudou. Para o Uberlândia Esporte Clube e a esmagadora maioria de clubes pequenos foi para pior. Pois redes de televisão não transmitiria jogos de equipes, pequenas como, o Verdão e sim de clubes de grande porte projeção nacional.

Mas não podemos culpar apenas a mídia, por deixar no esquecimento, equipes como U.E.C. o Campeonato Mineiro, e todo os seus organizadores, podem aqui, serem um fatores a serem citados. Dirigentes mal preparados, incapazes de organizar um campeonato, rentável, interessante, e principalmente leal, ou seja, deixar de favorecer clubes da capital (Cruzeiro, Atlético e América) poderia ter no Estadual Mineiro, equipes do interior, em melhores condições que se encontram agora.

Tudo isto, são fatores que ajudaram a afastar os torcedores dos campos, sem contar que para o U.E.C. apesar de parecer uma contradição, a construção do Estádio Parque do Sabiá, não foi uma boa estratégia afim de conseguir formar um grande clube.

“O Estádio Municipal Parque do Sabiá nome este escolhido por uma comissão especialmente nomeada, a 17 de fevereiro de 1981, não é também como muita gente pode imaginar, um elefante banco, afinal de contas, Uberlândia conta hoje com uma população de 300 mil habitantes e, para o próximos 5 anos, prevê-se que a população dobrará.

*Assim, Uberlândia tem, para este ano de 1982, a inauguração do Estádio Municipal Parque do Sabiá como um dos grandes acontecimentos como também do próprio Parque do Sabiá, que será um marco definitivo para a vida do uberlandense e de toda a região.”*²⁷

Um estádio moderno com capacidade para 70.000 lugares, novo, a “Cara da Cidade” porém, não surtiu efeito. Com a renda dos campeonatos deficitária e o afastamento do torcedor, o clube caiu no esquecimento e só voltou a ser um time competitivo no 2º semestre de 1997 quando conseguiu um patrocínio e começou a colocar suas contas em dia.²⁸

Este ano, o de 1997, foi marcante para U.E.C. O clube estava mergulhado em dividas e acumulando péssimos resultados no campeonato estadual. Foi rebaixado para a 2ª Divisão de Minas Gerais, em último lugar,

²⁷ Reportagem de “O Município” (04/02/1982). Suplemento informativo dos Poderes Municipais órgão oficial do Município de Uberlândia, criado pela lei, nº 3.003. Ano V, Uberlândia, 31 de dezembro/1981, 3º Caderno, nº 168.

²⁸ É bom lembrar que este ano de 1997, o clube chegou ao fundo do poço e conseguiu ser rebaixado para a 2ª divisão do Campeonato Estadual de Minas Gerais, em último lugar passando para sua história como o pior estágio de sua existência. Porém, no mesmo ano, no semestre seguinte conseguiu uma parceria com uma empresa de Canoas (RS) (Grupo Nevada) do RS, e começou. A trazer, de forma empresarial, o torcedor de volta ao Velho Juca Ribeiro.

fato inédito na história do clube, desde que começou a participar dos jogos pelo o título mineiro.

Porém, numa estratégia de marketing, o que ocorre com a maioria dos clubes atualmente, conseguiu uma parceria de um patrocinador, o Grupo de Bebidas Nevada, com sede em Canoas-RS, e iniciou todo um processo de reestruturação o time Verdão, praticamente falido, que começou a saudar dívidas, contratar bons jogadores, e mexer com a torcida, trazendo-a de volta ao campo. Sua estratégia, inicialmente, foi a de realizar jogos no velho Juca Ribeiro, que estava esquecido devido a construção do Sabiá, e isto deu resultado. O Uberlândia Clube, disputou o campeonato Brasileiro da Série C, num ótimo desempenho, onde obteve bons resultados. Isto prova que, a fórmula para se jogar o futebol dos anos 90 é bem simples: basta ter dinheiro e possuir um departamento de esporte que trabalhe bem. Daí surgirá, bons resultados e equipe competitiva.

Mas não estamos aqui querendo defender esta posição. O nosso objetivo é destacar a importância do futebol do Uberlândia Esporte Clube nos anos 60 e 70. A todo momento, percebemos que foi importante, marcante e glorioso o nosso futebol. Prova disto é que sempre, nos momentos da história do clube, teve o acompanhamento da Imprensa (Rádio e Jornal). Muitos foram os destaques nos jornais locais, que acompanhavam o desempenho do Verdão.

“Jogando bem com um futebol primoroso mesmo, o U.E.C. suplantou o conjunto da Francana, no último domingo, pela contagem de um três a zero.”²⁹

²⁹ “Furacão Passou Pelo Primeiro Teste, caiu a Francana por 1 a zero”. *Jornal Correio de Uberlândia*, 15/02/1967. p.8.

*"Furacão soprou forte em Goiânia. Caiu o Goianiense."*³⁰

Várias são as manchetes citadas a respeito da trajetória do U.E.C., provando que, assim como no eixo Rio-São Paulo, no interior, a imprensa também acompanhava a trajetória dos clubes.

O futebol nestas décadas era apaixonante, e tivemos a oportunidade de estar presente na história. Vários clubes de expressão nacional, aqui no Juca Ribeiro jogaram. E jogaram com respeito, com medo de perder, pois sabiam que era difícil competir com o nosso time. O ano de 1967, foi para o U.E.C., talvez melhor de toda a sua existência. Partidas memoráveis foram aqui disputadas, lotando o Estádio Juca Ribeiro em todos os jogos, mesmo se fosse com clubes pequenos ou grandes:

"Furacão e sua campanha de 1967"

Aqui esta o mapa esportivo do U.E.C., durante o ano de 1967 no campeonato Nacional. Suas apresentações, suas grandes conquistas. É uma apresentação de 'contas' da diretoria a fiel torcida.

<i>Jogos realizados</i>	-	<i>vinte e três (23)</i>
<i>Vitórias</i>	-	<i>dezesesseis (16)</i>
<i>Derrotas</i>	-	<i>quatro (4): Botafogo (Ribeiro Preto)</i>
		<i>América (São José do Rio</i>
		<i>Nacional (Uberaba) e</i>
<i>Preto),</i>		<i>(Barretos)</i>
<i>Barretos</i>		
<i>Empates</i>	-	<i>três (3) Dois fora e um no J.R.</i>

As grandes conquistas foram contra:

<i>Ituiutabana</i>	-	<i>Ituiutaba</i>
<i>Fluminense</i>	-	<i>Araguari - 2 vezes</i>
<i>Araguari</i>	-	<i>Uma vez</i>
<i>Mamoré</i>	-	<i>Patos de Minas</i>
<i>Comercial</i>	-	<i>Ribeirão Preto</i>
<i>Franca</i>	-	<i>2 vezes (dentro e fora J.R)</i>
<i>Batatais, Barretos, Uberaba, São Cristóvão(RJ), Anápolis e Goiás, (2 vezes cada)</i>		

³⁰ Jornal Correio de Uberlândia, 24/05/1967. p. 6.

Os Principais artilheiros

- Neiriberto 10 tentos
- Fazendeiro 6 tentos
- Ferreira 4 tentos

Uma feliz jornada do Furacão.”³¹

Numa época cheia de conquistas, vitória e exaltação do clube, nada mais significativo, do que ter conseguido obter, taças e troféus, no qual socidificaria a sua posição de time vencedor. A seguir citamos alguns deles, importantes, não pelos valores que possam ter, mas sim pelo significado que foi o U.E.C. de anos atrás:

- Taça Marta Rocha - Uberlândia 3 x 0 Araguari 03/07/1955.
- Campeão Mineiro do Interior - 25/05/1963.
- Troféu da Amizade - Taça Luís Antônio da Cunha - 10/64
- Troféu Santa Barbara - 1975.
- Taça Rádio Uberlândia (Equipe Carcará) U.E.C. x União Tijucana - Campeão 1975.
- Troféu Iranildo Cunha U.E.C. X Liga Uberlandense de Futebol - 10/1976.
- Troféu Imprensa - 08/78.
- Vice Campeão Troféu Dr. Bádue Morum Bernadino 10/11/1979.
- Campeão Taça Imprensa - Uberlândia, Araguari, Itumbiara 1979.

Os troféus citados acima, estão numa sala, dentro da Secretaria do Juca Ribeiro num estado lastimável. Todos mal conservados, sujos, e perdendo suas características de identificação. É bom citar que existem

³¹ Jornal Correio de Uberlândia, 15/06/1967. p.8.

vários outros, e só não os citamos, devido a impossibilidade de distinguí-los, pois perderam suas mensagens.

Mediante tal fato, chegamos a uma conclusão, que a própria direção do U.E.C. contribuiu para que o clube deixasse de ser um time vencedor, pois suas conquistas, seus méritos estão esquecidos num canto de uma sala, proporcionando ao torcedor esquecê-los também.

Porém, a tudo isto, podemos garantir que as décadas de 60 e 70 identificaram o U.E.C como um time vencedor. Possuía um time forte, uma torcida fiel, ganhava jogo, participava de torneios com clubes de outros Estados e estará em evidência nos meios de comunicação. E a tudo isto, vale acrescentar que o grupo de seus jogadores eram formados por pessoas humildes, de baixa escolaridade e que tinham outros ofícios, para cobrir o seu sustento³² e mesmo assim era grande. Mas adoravam jogar pelo clube:

“...A gente tinha até vergonha na época que saía para comprar alguma coisa. Eu ia comprar uma camisa, por exemplo, o dono da loja não cobrava. Eu ia comprar sapatos, o cara não cobrava. Várias coisas marcam e tudo isto transforma em boas lembranças para mim.”³³

³² Em pesquisa nos livros de registro do clube, percebemos que a maioria dos jogadores eram semi analfabetos, negros e trabalhavam em outro ofício, apesar de não terem qualificações seus salários como jogadores eram baixos e nivelador. Apenas um ou outro destacava com maior salário.

³³ Entrevista com Fazendeiro 18/12/1997.

Considerações Finais

O futebol mudou muito, desde a sua implantação no Brasil, até os dias de hoje. Engana-se quem acha que futebol é apenas um bando de jogadores correndo atrás de uma bola. É uma fonte de renda, fonte de sonhos capaz de colocar no pensamento de milhares de jovens, que o futebol possa ser o elo que transforme suas vidas, em fortuna e status.

Nas décadas de 60 e 70, o futebol foi marcante no Triângulo Mineiro. Cidades como Uberaba e Uberlândia utilizaram do esporte para expor todas as suas rivalidades acumuladas. Porém, o futebol não ficou só nisso. Grandes equipes foram formadas. Numeroso era o público pagante que assistia as partidas locais. Grandes jogos aconteceram. Mas por que, sendo o futebol uma explosão entusiástica, não continuou marcante nas décadas seguintes em Uberlândia e região?

Vários motivos poderiam ser arrolados como explicação, mas o despreparo dos dirigentes esportivos tanto a nível de clubes e quanto a nível de federação é um forte aliado para o fracasso das pequenas equipes brasileiras. Também a desmotivação do torcedor frente ao declínio do clube, ajudou a colocá-lo cada vez mais a segundo plano. Outro fator que podemos identificar, que de certa forma "intimidou" o Uberlândia Esporte Clube, foi a construção do Estádio Parque do Sábia. Na época, 1982, o estádio, com sua localização bem longe do centro de Uberlândia, tirou um pouco, o interesse do torcedor de prestigiar o clube. Sem contar que o Juca

Ribeiro, por ser um estádio pequeno, tinha o torcedor uma aproximação muito grande com os jogadores e utilizavam até da força da voz para intimidar o clube adversário. Não seria melhor construir um clube grande, ao invés do Estádio? Porque não investiram nas categorias de base afim de fortalecer o time principal? (Problematiza)

Entretanto no início dos anos 80, o Uberlândia Esporte Clube conseguiu a sua maior conquista futebolística, foi campeão da Taça Confederação Brasileira de Futebol - C.B.F. em 1984.³⁴ Se em 84, teve sua maior conquista, por que não foi a melhor época da sua História?

Este acontecimento, foi um fato isolado e fácil de ser explicado. Como já dizemos anteriormente, no final da década de 70, uma explosão progressista por parte do governo militar e dos dirigentes esportivos, tudo fizeram para identificar o futebol brasileiro como o melhor e o maior. Em Uberlândia não foi diferente. Com o auxílio do poder público, foi construído um estádio imenso, o João Havelange. (Fiz o estádio)

Em 82, quando foi inaugurado, formou-se um time competitivo na cidade. Porém, com um clube pequeno, e pobre, não poderia segurar por muito tempo jogadores que sobressaíam. Assim logo, após a conquista, quase todo o time foi mudado. Jogadores como Batista, Vivinho saíram do U.E.C. e foram para grandes clubes nacionais, chegando até a seleção do Brasil. E isto deixou desmotivado o time local, que desde então nunca mais teve uma equipe a altura da cidade, chegando em 1997 no pior momento de

³⁴ Taça C.B.F. o mesmo que campeonato da 2ª divisão.

sua História, ser rebaixado a 2ª divisão do Estadual, em que pese a seguinte declaração:

“O Estádio Municipal de Uberlândia, que irá situar as grandes praças de esporte do interior brasileiro, será uma obra externa independente da fase positiva ou negativa de nossa equipe de futebol profissional, o estádio irá abrir, possibilidades emersas para o futebol da cidade. Será com ele - e através dele - que virá o refortalecimento do próprio U.E.C., e se criará condições da fundação até, de uma nova equipe para dividir a torcida.

No entanto para o prefeito V. Galassi, para o secretário Paulo Ferolla da Silva e para o acessor Cícero Diniz, não esta havendo por parte da comunidade a necessária colaboração. Sem grandes verbas dotadas para sua construção, e contando com recursos oriundos da venda de terrenos que serão valorizados pelo conjunto Parque Sabiá. O Estádio trata-se de uma obra comunitária. É a colaboração de cada uberlandense, poderá se prestada com a aquisição de uma cadeira cativa no novo estádio.”³⁵

Portanto, é claro entender que a glória do nosso futebol esteve presente nos anos 60/70. O torcedor era fiel, assistia e torcia em todos jogos. Quem jogava anteriormente por amor à camisa ou ao esporte, atualmente joga por amor ao bolso e ao status. Daí, como na economia, o futebol tem de se ajustar.

As décadas que pesquisamos, percebemos que o futebol sobressaia ao aspecto financeiro, tanto em Uberlândia, quanto no Brasil afora; mas isto não significa que o dinheiro que ganhara, os jogadores, não eram bem unidos. Desta forma, acreditamos que a modernização do futebol acabou com o fator apaixonante que este esporte proporcionava. Atualmente o

³⁵ “Estádio, obra que dignifica a Administração Municipal”. In: *Jornal Correio do Triângulo*, 27/01/81, p.02.

futebol virou uma parcela de uma empresa e só obtém bom resultados, se sua empresa inverter muito.

Não sobrevive mais o clube que não tem dinheiro e patrocínio. Nem o clube que deixa de contratar bom jogador, pagando salários compatíveis. Muito menos aquele clube que queira resolver suas finanças apenas com o resultado das bilheterias. Atualmente o futebol virou uma empresa, só o lucro que a faz andar e progredir.

Através de um trabalho sério, que envolva uma empresa afim de investir no futebol, de forma a identificá-lo como vencedor, o público volta a prestigiar e os estádios possam encher como era antes. Porém, acreditamos que jamais o futebol será como já foi antes. A paixão que este esporte passou para gerações anteriores era mais concentrada e empolgante que a passada hoje. E aquele futebol arte, alegre que esteve presente nos gramados do Uberlândia e também nos gramados de todo Brasil, só é encontrado quando a mídia se faz presente, deixando a mercê jogadores talentosos mais esquecidos.

Anexo







BIBLIOGRAFIA

- ANEXO
- Foto da Capa U.E.C. (1963) - Estádio Juca Ribeiro.
Arquivo do Uberlândia Esporte Clube.
- 1ª Foto do Anexo: Campo que jogava o U.E.C. em 1948, no mesmo local que hoje é o Estádio Juca Ribeiro.
Arquivo do Uberlândia Esporte Clube.
- 2ª Foto do Anexo: 1964 - Em pé Waldemarzinho+, Cafifa, Saul, Dimas (Becão)+, Dunga+, Aldo.
Agachados: Fazendeiro, Zinho, Lourival, Reis, Sabino, Walter-Machadinha+
Arquivo Particular do Fazendeiro
- 3ª Foto do Anexo: 1965
Em pé: José Roberto, Carlinhos, Cafifa, Saul, Zinho, Aldo
Agachados: Nato, Sabará, Nei, Fazendeiro, Waldemarzinho e Walter(Machadinha).
Arquivo Particular do Fazendeiro
- 4ª Foto do Anexo: 1966 Estádio com bom número de torcedores.
Em pé: Renato, Jorge, Paulo, Carlinho, Dunga+, Neiriberto+
Agachado: Quinzinho, Amilton, Edgar Maia, Santana, Fazendeiro.
Arquivo Particular do Fazendeiro
- 5ª Foto do Anexo: 1967
Em pé: Renato, Dunga+, Carlinhos, Alemão, Paulo, Neiriberto.
Agachados: Fazendeiro, Santana, Edgar Maia, Hamilton, Reis.
Arquivo Particular do Fazendeiro

Obs.: Estádio Juca Ribeiro, lotado, em 1967. Repare que mesmo debaixo de chuva, o torcedor prestigiava o clube, prova, são os vários guardas chuvas no fundo da foto.

- 6ª Foto do Anexo: Time Campeão da Taça C.B.F. (1984) escalação:
Em pé: Cleyton, Chiquinho, Batista, Moacir, Zecão, Batata
Agachados: Geraldo Touro, Eduardo, Carlos Roberto, Vivinho, Zé Carlos.
Foto tirada no Estádio Parque do Sábia.
Arquivo do Uberlândia Esporte Clube

- 7ª Foto do Anexo: Foto tirada no Juca Ribeiro, em 10/1997 após vários anos, o U.E.C volta a jogar no velho campo de futebol. Repare que seu uniforme trás, patrocínio e no fundo, a torcida se faz presente.
Em pé: Jorge, Beto, Angelo, Toninho Paraná, Pablo, Amauri, Valdo, Gilmar, Dias, Oldair e Liminha.
Agachados: Sandro, Wenver, Evandro, Dido, Fabiano, Neco, André, Chiquinho, Lucianinho, Paulão.

• *FONTES PRIMÁRIAS*

- Jornal Correio de Uberlândia DE 1967 à 1982
- Jornal O Repórter de 07/11/1942
- Jornal A Gazeta Edição Esportiva 08/05/1932
- Jornal O Município - Suplemento Informativo da Prefeitura Municipal de Uberlândia, criado pela lei nº 3003, ano V, Uberlândia, 31/12/1981, 3º Caderno, nº 168.

• *LOCAIS PESQUISADOS*

- Arquivo Público Municipal de Uberlândia
 - Arquivo do Esporte Clube de Uberlândia - no Juca Ribeiro
- Documentos pesquisados: Livro de Registro de Empregados, Troféus, Fotos e Atas do Clube.

- **BIBLIOGRAFIA**

ENCICLOPÉDIA Mirador Universal. *Cia Melhoramentos de São Paulo*. São Paulo: *Encyclopedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.* vol. 10, 1994.

BELLO, Nicolino Jr. *A Ciência do Esporte Aplicada ao Futebol*. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

DUARTE, Orlando. *Futebol História e Regras*. São Paulo: Makron Gold, 1997.

HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses, Futebol e Cultura de Massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997, 115 p.

HIDELBRANDO, Pontes. *História de Uberaba. E a civilização no Brasil Central*. 2 ed., Uberaba: Rio Grande Artes Gráficas, 1978.

MATTOS, Claudia. *Cem anos de paixão: uma metodologia carioca do futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, 109 p.

MURAD, Maurício. *Dos Pés a Cabeça. Elementos Básicos de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p.129-130.

PINTO, Luziano Macedo. *Sociabilidade de 'matinée': cinema em tempos de modernidade - Uberlândia (1937-1952)*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Cursos de História, 1997. 94p. (Monografia de Bacharelado)

RAMOS, Roberto. *Futebol: Ideologia do Poder*. Petrópolis: Vozes, 1984, 111p.

- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais - Crônicas de Futebol*. 2 ed., São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- SANTOS, Joel Rufino. *História Política do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981. 93p.
- SALDANHA, João. *Os Subterrâneos do Futebol*. 3 ed., Rio de Janeiro: José Olímpio, 1982, 165 p.
- RESENHA Ilustrada do Campeonato Mineiro de Futebol. Ano 1, nº 1, publicação anual, Rio de Janeiro, 1967.
- TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central: História da Criação do Município de Uberlândia*. Uberlândia, Uberlândia Gráfica, 1970, 2v.
- WALDENYIR, Caldas, *O Pontapé, Inicial Memórias do Futebol Brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- WOLF, José. "Cinema e Futebol: uma história em dois campos". In: *Cinema Brasileiro: 8 Estudos*. Rio de Janeiro: MEC/EMBRAFILME/FUNARTE, 1980, p.209-212.
- WORD, Soccer. *The no internantional football*. Miami: Magazine, Ano 3, 1998.